

# Argumentação e Referenciação no discurso de Lula: a construção discursivo-metafórica da guerra e da paz

(Argumentation e Referentiation in Lula's discourse: the discursive-metaphorical construction of war and peace)

**Renata Palumbo**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

rpalumbo\_07@ig.com.br

**Abstract:** in this paper, the purpose of our research is to extend the metaphor studies, from a discursive-cognitive point of view, to the Referentiation and Argumentation perspectives. We examine how the selection of metaphorical terms associated with other linguistic formulations allows the metaphorical discursive construction of reality, which constitutes specific argumentative orientations, in the international political domain, particularly in the discourse conducted by the Brazilian President Luis Inácio Lula da Silva in the United Nations Office (ONU), New York, 2005.

**Keywords:** metaphor; referential processes; argumentation; political discourse; cognition.

**Resumo:** neste artigo, o propósito de nossa pesquisa consiste em estender os estudos sobre a metáfora, de um ponto de vista discursivo-cognitivo, para as perspectivas da Referenciação e da Argumentação. Observamos como a seleção de termos metafóricos associados a outras formulações linguísticas possibilita a construção discursivo-metafórica de realidades de maneira a constituir orientações argumentativas específicas, no campo da política internacional, particularmente, em um discurso do Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva na Organização das Nações Unidas, Nova Iorque, 2005.

**Palavras-chave:** metáfora; processos referenciais; argumentação; discurso político; cognição

## Considerações iniciais

Conforme já exposto por alguns estudiosos (LAKOFF; JOHNSON, 1992 [1980], 2003; GIBBS, 1999; entre outros), a metáfora faz parte tanto de nossas atividades discursivas quanto de nossa maneira de observar, de apreender e de interpretar nossas experiências do cotidiano, nossas relações com o mundo empírico. Bem como, é, por vezes, pela associação de domínios díspares que damos sentido a fatos, a situações, a pessoas etc.

Essa atividade discursivo-metafórica é tão frequente que, em vários momentos, não a percebemos; utilizamo-la por ela já fazer parte de nossas vidas e, consecutivamente, de nossa língua. Esse uso desapercibido pode colaborar para que ideias sejam esclarecidas, ou mesmo, para que sejam apresentadas revestidas de valores de verdade, de verossimilhança. Exemplos disso correspondem às categorizações metafóricas presentes em nossos discursos do cotidiano, que expressam a maneira como nossa sociedade apreende e interpreta certas situações político-sociais. No Brasil, por exemplo, quantas vezes, ouvimos ou falamos que certa investigação no campo político *vai terminar em pizza (festa, diversão)*, ou que determinado candidato *atacou seu adversário em determinado debate político (situação é guerra)*.

Os próprios políticos utilizam-se de metáforas em campanhas, em entrevistas e em debates. Um exemplo disso ocorreu em 12 de junho de 2005. Em entrevista concedida à Rede Globo de Televisão, o presidente da República Luis Inácio Lula da

Silva selecionou a expressão “cortar na própria carne” para indicar a atitude que ele tomaria caso se confirmassem as acusações de ações ilícitas por parte de políticos do Partido dos Trabalhadores (PT). Essa expressão metafórica foi tema de várias notícias na mídia, o que indica a força expressiva e argumentativa contida na metáfora.

Alguns estudiosos, como Sardinha (2007a, 2007b, 2008), já observaram o uso de metáforas por políticos brasileiros, apontando, entre outros, seu valor argumentativo-persuasivo. Mas não há registros de estudos que versaram sobre o tema, abrangendo o discurso político brasileiro no exterior. Por essa razão, neste artigo, apresentaremos parte de nossa pesquisa a respeito da metáfora na esfera política internacional, especificamente, em discursos proferidos por Lula. Nosso objetivo consiste em estender a análise da metáfora à perspectiva da referenciação e da argumentação, observando como as metáforas associadas a outros elementos linguísticos e extralinguísticos possibilitam a construção discursivo-metafórica da realidade de modo a orientar argumentativamente específico auditório.

Para os propósitos apresentados, na primeira parte deste trabalho, apontamos para algumas características do *corpus* analisado julgadas relevantes. Posteriormente, discutimos alguns conceitos de metáfora a partir de estudos que versam sobre a argumentação, a referenciação e a cognição. E, por fim, analisamos um discurso de Lula na ONU, em 2005.

### **Caracterização do *corpus***

Para nosso trabalho, importa-nos salientar que, no governo do presidente da República Luis Inácio Lula da Silva, as relações internacionais passaram, e ainda passam, por transformações, tanto em questões voltadas ao papel do Estado brasileiro no exterior, quanto à participação dos países subdesenvolvidos na esfera internacional.

A respeito disso, segundo Oliveira (2005), a diplomacia brasileira passou a considerar o multilateralismo como estratégia de desconcentração e de aplicação de novas regulamentações da política internacional em favor aos países em desenvolvimento.

Dessa maneira, os discursos pronunciados pelo presidente, no exterior, caracterizam-se, principalmente, por promover mudanças nas relações econômicas entre países, criando alianças como a do G-20 (Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul) e a do G-4 (Grupo composto por Alemanha, Brasil, Índia e Japão), e por buscar a reforma no Conselho de Segurança da ONU e a incorporação de metas em favor dos países emergentes, no quadro das questões internacionais.

Para este trabalho, selecionamos um discurso do presidente Luis Inácio Lula da Silva na 60ª Assembléia do Conselho de Segurança (CS) da ONU, em 15 de setembro de 2005, em Nova Iorque.

Esse órgão das Nações Unidas – cuja função é de assegurar a paz mundial, promover melhores padrões de vida e direitos humanos – é composto por 15 membros, sendo que 10 são rotativos com mandatos de 2 anos – em 2005: Argélia, Argentina, Benin, Brasil, Dinamarca, Grécia, Japão, Filipinas, Romênia, República Unida da Tanzânia – e 5 permanentes com direito de voto (EUA, Rússia, China, França e Reino Unido).

Na época da reunião, a principal meta da política externa de Lula era de incluir o Brasil como membro permanente do CS. Para tanto, seria necessário o apoio de 127 dos 192 países-membro da entidade, o que tornou o discurso do presidente um fator importantíssimo para a adesão pretendida, mas não alcançada.

## Reflexões sobre metáfora e argumentação

Desde a Antiguidade, estudiosos observaram o emprego de algumas expressões da linguagem verbal – como a metáfora – que se distanciavam do modo usual, ou seja, de seu padrão. Entre eles, Aristóteles incluiu e destacou essas ocorrências nos estudos retóricos, sendo, por essa razão, denominadas Figuras de Retórica.

Na retórica, a metáfora foi intitulada *tropo* (transporte) e considerada a figura por excelência. Para Aristóteles, ela correspondia à capacidade do orador de perceber semelhanças, sendo definida como a transferência da significação própria de uma palavra ou expressão para outro conteúdo semântico. Essa perspectiva de desvio de sentido perpassou séculos, estando presente na maioria dos estudos que versaram sobre o assunto.

Além disso, Aristóteles desenvolveu dois tratados: a Retórica e a Poética. No primeiro, o filósofo investigou as técnicas de argumentação, em que incluiu as figuras – vistas como recursos produtores de surpresa que colaboravam com os objetivos da argumentação: *docere* (instruir), *movere* (comover), *delectare* (agradar). Já na poética, o filósofo observou a poesia como imitação da realidade (mimese), estudou os gêneros poéticos (tragédia, epopeia) e examinou a elocução (*elocutio*<sup>1</sup>) poética, em que as figuras também foram observadas; entretanto, com outro objetivo: o estético.

Por todos esses elementos, podemos afirmar que a metáfora era observada conforme a função social do texto, ou seja, correspondia a uma figura de retórica quando selecionada em um discurso cujo intuito era convencer e persuadir determinado auditório – contexto político grego – e a um recurso estilístico, estético, quando utilizada, ou observada, em poemas – contexto poético.

De maneira geral, a metáfora, por ser considerada a figura mestra, tornou-se objeto de estudo há mais de 2 000 anos, o que resultou numa vasta bibliografia sobre o assunto. Mas foi a partir do século XX que inúmeros pesquisadores – Bally (1951), Bousoño (1970), Black (1962), Ullmann (1973), Ricouer (2005 [1975]), entre outros – dedicaram-se à observação desse recurso linguístico-discursivo, ampliaram os conceitos aristotélicos, discutiram denominações e, muitos, enveredaram por caminhos diferentes.

Entre esses estudos, destacamos, neste trabalho, os de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002 [1958]), por apresentarem uma visão argumentativa sobre o tema. De acordo com esses estudiosos, é na “função da teoria argumentativa da analogia que o papel da metáfora ficará mais claro” (2002 [1958], p. 453). Essa relação entre analogia e metáfora já era evidenciada na tradição dos filósofos, inclusive em Aristóteles, mas é na Nova Retórica que o conceito de analogia é aprofundado e a definição de metáfora é apresentada como sendo uma analogia condensada, ou seja, considera-se a união entre o “elemento do tema” com o “elemento do foro” (2002 [1958], p. 543). Assim sendo, a

---

<sup>1</sup> Aristóteles apresentou cinco operações essenciais da arte retórica (técnica de argumentação): *inventio*, busca do assunto; *dispositio*, organização interna do discurso; *elocutio*, burilamento da maneira de dizer (seleção lexical, figuras de retórica etc); *actio*, gestos, imposição de voz, entre outros; *memoria*, recurso à memória, conteúdos mentais.

metáfora pode ser construída a partir de uma analogia ou até antes mesmo por meio desta.

Na utilização da metáfora, se as conclusões são direcionadas através do foro e das características recortadas deste, o recorte será associado ao tema, facilitando ao auditório perceber, por exemplo, um referente textual da maneira como ele é apresentado pelo orador, resultando, assim, em efeitos argumentativos. Um exemplo disso é o *corpus* analisado, em que Lula constrói discursivamente a situação mundial de miséria e de fome caracterizando-a como uma guerra.

Essa junção entre tema e foro pode-se efetuar de várias maneiras: por uma simples determinação, por um adjetivo, por um possessivo, por uma identificação e por palavras compostas, o que Perelman e Olbrechts-Tyteca denominam “sínteses expressivas” (2002 [1958], p. 457).

Os autores também afirmam que uma metáfora pode se desgastar, tornando-se não mais uma relação entre termos, mas um vocábulo, ou uma expressão, de uso comum; entretanto, esse estado pode ser transitório, pois, dependendo da maneira como é utilizada, uma expressão metafórica volta a ser atuante e se apresenta novamente como metáfora.

Ressaltamos que também outros estudiosos apresentaram essa concepção “metáfora viva/morta”; entretanto, em perspectivas diferentes. Entre eles, lembremos de Bally (1951), que agrupou três tipos de expressões figuradas: imagens concretas, sensíveis e imaginativas,<sup>2</sup> imagens afetivas, imagens mortas.

Ainda é importante salientar que a relação entre domínios enunciada por meio da metáfora consiste num caráter vivo e variado que se encontra no campo da interação entre falantes. Desse modo, como qualquer outro recurso da língua, a metáfora é uma escolha do falante de acordo com suas intenções e posições assumidas. A seleção de um termo metafórico pode colaborar, juntamente com outras formulações linguísticas e com os conhecimentos partilhados entre falantes, no processo de construção do referente textual e, consecutivamente, direcionar o auditório a certas conclusões; ou seja, a metáfora ganha força argumentativa no contexto – tido aqui em seu sentido amplo, linguístico, situacional, cognitivo – pois leva à presença do interlocutor certas associações, ancoragens; em outras palavras, instaura-se um “laço” entre os termos introduzidos ou retomados, os conhecimentos linguísticos e os de mundo compartilhados.

Por conta desses fatores mencionados – conhecimentos enciclopédico e linguístico – e também dos repertórios sociais e ideológicos que influenciam na compreensão e na produção textual, torna-se significativo considerarmos alguns estudos que versaram sobre a metáfora numa visão cognitiva.

### **Visão cognitiva da metáfora**

O papel da cognição é relevante para os estudos a respeito da metáfora, principalmente se questionarmos como os conhecimentos de mundo, os entornos

---

<sup>2</sup> Nesse primeiro grupo (imagens concretas, sensíveis e imaginativas), o estudioso referia-se às metáforas vivas.

históricos, sociais e ideológicos estão organizados em nossa memória e como estes são fundamentais para a compreensão de enunciados e de termos metafóricos.

Muitas são as teorias e as concepções que permeiam essa área; nossa atenção nesta parte, entretanto, será voltada para os estudos de Lakoff e Johnson (1992 [1980]), que citam a maneira como percebemos a realidade de nosso dia a dia e como nos relacionamos com as pessoas. De acordo com esses teóricos, é devido ao nosso sistema conceptual que podemos nos relacionar com o mundo e com as situações diárias. Esse sistema é, em sua maioria, metafórico por natureza, ou seja, segundo os autores, as metáforas estruturam a maneira como percebemos, pensamos e agimos.

Dessa maneira, a metáfora, embora evidente na língua, está presente além das palavras, em nossa percepção de mundo e, assim, está imbricada em nosso processo de interpretação.<sup>3</sup> Nas palavras dos estudiosos: “O conceito é estruturado metaforicamente, a atividade é estruturada metaforicamente e, conseqüentemente, a linguagem é estruturada metaforicamente” (LAKOFF; JOHNSON, 1992 [1980], p. 5).

Nessa teoria, denominada Metáfora Conceptual, metáforas surgem por meio do processo de compreensão e de legitimação – linguística, social e cognitiva – de um domínio de natureza abstrata (por exemplo, “tempo” e “amor”) a partir de experiências concretas já legitimadas socialmente, como guerra, dinheiro etc. Em outras palavras, o sujeito, como integrante de um grupo, ou de uma sociedade, em contato com o mundo, compreende um determinado conceito por meio de um outro já estabelecido, interpretando a realidade conforme fatores culturais, históricos e ideológicos. Essas conceituações são organizadas metaforicamente (associação de domínios), e seus traços estão presentes no linguajar cotidiano; entretanto, por vezes, não são percebidos pelos falantes.

Os estudiosos também afirmam que a estrutura metafórica de uma sociedade é coerente com seus principais valores, principalmente em relação às metáforas de espacialização. Isso se deve ao fato de, em uma cultura, haver determinadas visões de mundo de tal maneira enraizadas que são refletidas nos discursos que circulam socialmente, como “O futuro será melhor”, em que se apresenta o conceito de progresso (presente *vs.* futuro).

Além das metáforas convencionais, ou seja, aquelas que estruturam o sistema conceptual ordinário de nossa cultura, Lakoff e Johnson (1992 [1980], 2003) discutem a respeito daquelas que apresentam uma nova informação, um novo olhar sobre certa realidade empírica. De acordo com os autores, os sujeitos podem criar termos metafóricos capazes de direcionar sentidos até então não previstos e, consecutivamente, orientar novas crenças e ações. Sobre esse ponto, podemos estender o que foi exposto à perspectiva da argumentação, pois o direcionamento de olhares consiste em um elemento significativo para o alcance da adesão desejada, o que nos permite afirmar, mais uma vez, que a metáfora cumpre papel importante para o encaminhamento argumentativo.

---

<sup>3</sup> Essa perspectiva, associada aos estudos sobre argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002 [1958]), evidencia o papel da metáfora como recurso que colabora para os objetivos da argumentação (já apontados à página 04), principalmente o de instruir.

Ainda em relação às metáforas novas, estas, geralmente, são filiadas a uma metáfora conceptual, o que os autores Lakoff e Johnson (1992 [1980], 2003) denominaram “desdobramentos” (ou mapeamentos discursivos). Como as convencionais, as metáforas novas, ou vivas, também apresentam coerência em relação a uma cultura, ou seja, nessas novas representações, estão imbricados valores já enraizados culturalmente a respeito de certos tópicos.

Ressaltamos que a interpretação de uma metáfora viva dependerá dos conhecimentos partilhados entre os falantes, pois a formulação metafórica ora pode passar despercebida, ora pode ser reconhecida e, assim, apresentar uma nova informação. Dessa maneira, torna-se essencial que o escritor ou falante conheça e se adapte ao auditório em questão.

Além de Lakoff e Johnson (1992 [1980], 2003), outros estudiosos da contemporaneidade dedicaram-se aos estudos da metáfora, tendo em vista uma perspectiva cognitiva e, também, discursiva, ou seja, não observaram os termos metafóricos como figuras, mas como elementos cognitivo-linguísticos que podem ser utilizados estrategicamente em diversos contextos de uso. Entre eles, Cameron (2003) afirma que, tendo em vista a língua em uso, a metáfora deve ser observada de maneira contextualizada, ou seja, deve-se levar em conta *fatores físicos* (características do lugar em que o discurso é produzido), *sociais* (relações entre os participantes, objetivo do encontro), *interacionais* (relações entre os processos de interação), *linguísticos* (uso da língua, seleções) e *conceptuais* (pontos de vista, conhecimentos prévios). A autora ressalta que o analista deve conhecer esses elementos contextuais devido ao fato de os mesmos fornecerem subsídios para o reconhecimento, a interpretação e a análise da metáfora.

### **Metáfora e Referenciação**

Anteriormente, vimos que a seleção de formulações metafóricas enquadra-se em uma dimensão social-cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1992 [1980]; GIBBS, 1999), em que os falantes entram em contato com o extramental e, conforme a situação de uso (CAMERON, 2003) e o repertório de experiências individuais e coletivas, apreendem-no, interpretam-no, constroem-no metafórico e discursivamente. Discutimos também que a metáfora pode ser um recurso linguístico utilizado estrategicamente na tentativa de modificar contextos (imagens mentais) e, consecutivamente, de convencer e de persuadir um determinado auditório.

Dessa maneira, se damos sentido ao mundo e agimos sobre ele discursivamente, e se essa atividade linguística estrutura-se, em sua maioria, metaforicamente, em situações interacionais – contato com o mundo, com os outros e com si próprio – podemos afirmar que a língua, manifestada em discurso, não é transparente, pois ela possibilita a construção discursivo-metafórica de realidades extramentais, empíricas.

O mundo empírico – situações, pessoas, fatos, objetos etc. – é mencionado no discurso porque o percebemos e, assim, interpretamos e agimos sobre ele. Em outras palavras, é por meio de um complexo sistema, que envolve língua, pensamento e mundo, que os sujeitos, condicionados pela sua própria percepção, dão sentidos aos elementos extralinguísticos.

Essa perspectiva enquadra-se nos recentes estudos sobre a referenciação (MONDADA, 2001, 2002, 2005a, 2005b; MONDADA; DUBOIS, 2003; APOTHÉLOZ, 2003; KOCH, 2001, 2005, 2006; KOCH; MARCUSCHI, 1998; entre outros), que vêm apresentando uma nova concepção sobre língua e mundo. Nesse quadro, os referentes, tidos como imagens mentais, são fabricados pela dimensão perceptivo-cognitiva dos interactantes na prática social, e a língua possibilita construções intersubjetivas de categorias avaliativas, que se modificam durante determinadas interações.

Assim, o referente textual não pode ser entendido como a própria realidade exterior e, nesse sentido, importa indicar a noção de referente conforme Mondada e Dubois (2003). Essas autoras denominam objetos de discurso, em oposição a objetos de mundo, os elementos do mundo empírico, mencionados no discurso.

Nessa perspectiva, os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez ativados (remissão), podem ser reativados (retomada) e, assim, (re)categorizados ou modificados. Essa progressão referencial, juntamente com a progressão tópica,<sup>4</sup> possibilita a progressão textual, ou seja, esta se torna possível pela oscilação de vários elementos os quais têm como base: o que já foi dito (anáfora), o que será dito (catáfora) e o que é sugerido (fusões, alusões etc.). A isso, Koch (2006) denominou “codeterminação progressiva”.

Ao dedicar-se aos estudos da progressão referencial, Koch (2005, 2006) destaca as expressões nominais, definidas e indefinidas, como significativas estratégias de referenciação com alto teor argumentativo, ao lado das pronominalizações. São denominadas expressões nominais definidas aquelas formulações linguísticas constituídas por, pelo menos, um determinante definido ou demonstrativo, antecedendo um nome. Já as expressões indefinidas precedem artigos indefinidos ao nome. Destacamos que ambas as expressões podem aparecer como: descrições, nominalizações, encapsulamentos e rotulações metadiscursivas, sendo que, por vezes, apresentam-se por meio de termos metafóricos.

Em descrições, o falante seleciona determinadas propriedades de um referente textual que ele julga importante ressaltar, de acordo com o seu projeto de dizer. Assim, a utilização de descrições tanto pode revelar opiniões, crenças e ações do sujeito falante, quanto pode presentificar características do objeto de discurso julgadas desconhecidas pelo interlocutor, isto é, a descrição aponta para certos traços do objeto, resultando em um recurso linguístico que colabora para a argumentação ou, mais especificamente, para o processo de orientação argumentativa.

Em relação ao encapsulamento, Koch (2005) afirma que há dois tipos. Aqueles que rotulam um segmento do enunciado, transformando-o em objeto-de-discurso e possibilitando a progressão textual, e aqueles que “realizam operações de nominalizações, por meio de nomes deverbais ou não” (2005, p. 39).

Já o rótulo metadiscursivo pode ser um recurso que o produtor do enunciado utiliza-se para avaliar ou para mostrar aproximação ou distanciamento em relação ao discurso rotulado. Isso se deve ao fato de a escolha da expressão metadiscursiva ser indicativa da opinião do enunciatador, tanto sobre o procedimento linguístico rotulado,

---

<sup>4</sup> Entendemos Tópicos Discursivos como os assuntos que são abordados durante a atividade discursiva.

quanto a respeito do próprio produtor desse enunciado e suas respectivas atitudes (sociais, linguísticas etc.).

### **Análise do *corpus***

Analizamos alguns segmentos do discurso de Lula na ONU, observando o papel da metáfora nos processos referenciais e na argumentação.

É importante salientar que o presidente da República inicia seu discurso apontando para a necessidade de mudanças na ONU e em seus órgãos principais, como o Conselho de Segurança. Observemos as partes destacadas:

- (1) Intensificam-se os esforços para fortalecer a ONU e seus órgãos principais. **Precisamos adequar o Conselho de Segurança às exigências políticas e econômicas de um mundo em profunda transformação.**

Nesse procedimento, há indícios de alguns propósitos do discurso de Lula: o de incluir o Brasil como membro permanente do CS e o de ampliar a participação dos países em desenvolvimento nas negociações de políticas internacionais. Outros segmentos reforçam essa ideia, em (2) e (3):

- (2) O projeto de reforma das Nações Unidas, hoje em discussão, é indissociável **da atualização do Conselho de Segurança**. Sua agenda, cada vez mais ampla e ambiciosa, implica responsabilidades diversificadas, muitas vezes em áreas não previstas pela Carta. **Não é admissível que o Conselho continue a operar com um claro déficit de transparência e representatividade.**
- (3) A boa governança e os princípios democráticos, que valorizamos no plano interno, **devem igualmente inspirar os métodos de decisão coletiva e o multilateralismo**. Temos diante de nós **uma oportunidade histórica para ampliar a composição do Conselho de forma equitativa**. Para a maioria dos países membros da ONU, **isto significa aumentar o número de membros permanentes e não-permanentes, com países em desenvolvimento de todas as regiões, nas duas categorias.**

Durante a análise, pudemos observar que o presidente, para defender sua tese, encaminha seu discurso na tentativa de despertar a atenção do auditório para um quadro mundial de guerra. Em outras palavras, Lula apresenta um mundo em guerra, apontando, principalmente, fatores que até então possivelmente eram vistos como as consequências de uma guerra e não como as causas ou os agentes: miséria, fome, desigualdade etc.

Esse procedimento pode ser depreendido, no contexto, pela observação de várias seleções linguísticas, ora metafóricas, ora não metafóricas. Vejamos o seguinte quadro:



### Quadro 1. Seleções linguísticas que indicam um mundo em guerra

<p><b>Em 2000</b>, o Encontro de Cúpula coincidiu com <b>atos de brutal violência movidos pela intolerância racial e religiosa</b>. Buscava-se <b>aprender as lições das guerras civis na ex-Iugoslávia e em Ruanda</b> para recuperar a capacidade da Organização de conter abusos maciços aos direitos humanos.</p> <p>Hoje, <b>estamos confrontados a ameaças cada vez mais complexas</b>. Os dois projetos de resolução sobre a mesa são uma tentativa de dar resposta <b>a esses desafios</b>.</p>
<p><b>Atos bárbaros de terrorismo continuam sendo perpetrados contra inocentes e indefesos. O combate a esse flagelo exige firmeza. Mas não o derrotaremos apenas pela repressão. Precisamos evitar que o terrorismo crie raízes em meio à desesperança. Temos de rejeitar o preconceito e a discriminação, sob qualquer disfarce ou pretexto.</b></p>
<p><b>No combate à violência irracional nossas melhores armas são a cultura do diálogo, a promoção do desenvolvimento e a defesa intransigente dos direitos humanos.</b></p>
<p>Nos 14 países africanos que já visitei e nos numerosos contatos em Brasília com lideranças do Continente, pude comprovar o importante progresso institucional e econômico em curso na região.</p> <p>A decidida vontade política de suas lideranças de <b>superar os conflitos do presente</b> e lidar com a herança de um passado de dependência tem sua melhor expressão na criação da União Africana. <b>Esse exemplo</b> merece ser acompanhado por todas as regiões que almejam integrar-se de forma soberana e pacífica na comunidade internacional. No Haiti, <b>a América Latina quer demonstrar que as Nações Unidas não estão condenadas a simplesmente recolher os destroços dos conflitos que não puderam evitar.</b></p>
<p><b>A Missão de Estabilização das Nações Unidas está oferecendo um novo paradigma de resposta aos desafios da solução dos conflitos e da reconstrução nacional</b></p>
<p>É <b>o caso do conflito no Oriente Médio</b>, onde questões políticas sensíveis precisam ser equacionadas com credibilidade e transparência.</p>
<p><b>Estou convencido de que não haverá um mundo com paz e segurança enquanto 1 bilhão de pessoas forem oprimidas pela fome. Quero insistir que este mal é a mais devastadora arma de destruição em massa. A fome e a pobreza afetam a capacidade de trabalho, as condições de saúde, a dignidade e as esperanças. Desagregam famílias, desarticulam sociedades, enfraquecem a economia. Desatam um círculo vicioso de frustração e indignidade, que é terreno fértil para a violência, as crises e conflitos de toda ordem.</b></p>

A respeito desse quadro, indicamos neste artigo, nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002 [1958]), que a seleção de um termo metafórico associado a outras formulações linguísticas e aos conhecimentos partilhados entre falantes pode colaborar no processo de construção do referente textual e, consecutivamente, direcionar o auditório a certas conclusões. Assim, a situação mundial é construída discursiva e metafóricamente de maneira a despertar o olhar do auditório para a necessidade de uma transformação política, especificamente na ONU. Vejamos:

- (4) **Atos bárbaros de terrorismo continuam sendo perpetrados contra inocentes e indefesos. O combate a esse flagelo exige firmeza. Mas não o derrotaremos apenas pela repressão. Precisamos evitar que o terrorismo crie raízes em meio à desesperança. Temos de rejeitar o preconceito e a discriminação, sob qualquer disfarce ou pretexto.**

Em (4), a seleção “Atos bárbaros de terrorismo continuam sendo perpetrados contra inocentes e indefesos” é retomada por meio de um encapsulamento “esse flagelo”. Desse modo, o presidente rotula a situação apresentada, caracterizando-a como

um chicote que açoita inocentes e indefesos, ou seja, um contexto de tortura, de sofrimento. Posteriormente, ele sugere a necessidade de “combater” esse quadro de violência de maneira a não se aderir ao terrorismo.

Ainda em relação a esse exemplo, “terrorismo”, “preconceito” e “discriminação” são selecionados e personificados (o terrorismo cria, o preconceito e a discriminação usam disfarces e pretextos) e constituem metáforas ontológicas. Conforme Lakoff e Johnson (1992, [1980]), o uso dessas metáforas reflete a ideologia e a maneira como o enunciador vê determinada realidade, ou seja, expressa uma representação mental de um elemento do mundo empírico, constituída culturalmente.

Nessa perspectiva, o presidente especifica “terrorismo”, “preconceito” e “discriminação” como sendo pessoas, inimigas daqueles que prezam pela paz. E, a partir disso, conduz seu discurso de maneira a orientar o interlocutor a negar os valores assumidos desses “adversários políticos” (desigualdade, violência etc.). Esse procedimento é mantido no discurso de Lula, em que, posteriormente, mantendo a ideia de combate, seleciona a expressão “violência irracional” para recategorizar “flagelo”, “atos bárbaros de terrorismo”:

- (5) **No combate à violência irracional nossas melhores armas são a cultura do diálogo, a promoção do desenvolvimento e a defesa intransigente dos direitos humanos.**

Às linhas 22-24, outra seleção metafórica indica a associação “situação mundial é guerra”: “nossas melhores armas são a cultura do diálogo, a promoção do desenvolvimento e a defesa intransigente dos direitos humanos”. Nesse exemplo, é interessante observar que o presidente, ao mesmo tempo em que apresenta um mundo em guerra, defende a possibilidade de transformar esse contexto de modo pacífico, promovendo desenvolvimento, diálogo etc.

A seguir, observemos outro segmento em que Lula constrói, discursivamente, a situação mundial de fome e de miséria a partir do conceito “guerra”, linhas 60-65:

- (6) **Estou convencido de que não haverá um mundo com paz e segurança enquanto 1 bilhão de pessoas forem oprimidas pela fome. Quero insistir que este mal é a mais devastadora arma de destruição em massa. A fome e a pobreza afetam a capacidade de trabalho, as condições de saúde, a dignidade e as esperanças. Desagregam famílias, desarticulam sociedades, enfraquecem a economia. Desatam um círculo vicioso de frustração e indignidade, que é terreno fértil para a violência, as crises e conflitos de toda ordem.**

Em (6), a fome é retomada por meio do encapsulamento “este mal” que já apresenta um juízo de valor, um olhar negativo. Posteriormente, o enunciado constitui-se de maneira metafórica (“é a mais devastadora arma de destruição de massa”, “A fome e a pobreza afetam a capacidade de trabalho”, “Desagregam famílias”, “Desarticulam sociedades” etc.). Procedimento que reforça a categorização de “fome” como “um mal”, encerrando função avaliativa.

Além disso, o presidente Lula apresenta a fome como “arma de destruição em massa” e aponta várias consequências do atual quadro de miséria no mundo, como “violência, crise e conflitos de toda ordem”. Essas seleções linguísticas orientam mais uma vez, no contexto, a ideia de que vivemos em mundo em “guerra”, em que a “devastadora arma fome” consiste no principal motivo dessa situação, associando o contexto de fome e de miséria à guerra.

Ainda observamos, em (6), que, ao associar fome e pobreza à guerra, Lula chama a atenção dos governantes para a necessidade de ação em termos de se diminuir a

desigualdade social. Sobre esse procedimento linguístico-discursivo, podemos constatar que o presidente adapta seu discurso ao auditório em questão: representantes da ONU, responsáveis por promover ações em defesa da paz. Lembremos que o conceito de “guerra”, em oposição ao de “paz”, está arraigado na cultura dos interactantes do encontro, pois corresponde a um assunto amplamente discutido na ONU. Dessa maneira, construir uma realidade discursivo-metafórica da situação de pobreza e de fome no mundo, associando à de guerra, indica estratégia argumentativa, pois esse procedimento linguístico consiste em uma tentativa de levar o interlocutor a agir em defesa dos menos favorecidos, já que a promoção da paz é o principal objetivo da Organização das Nações Unidas.

De maneira geral, como já mencionamos, a formulação metafórica ora pode passar despercebida, ora pode ser reconhecida e, assim, apresentar uma nova informação, colaborando com os propósitos do enunciador. Assim, torna-se essencial que o produtor de textos adapte seu discurso ao auditório em questão. Foi o que ocorreu no discurso de Lula.

### **Considerações finais**

A organização do discurso do presidente prezou pelo convencimento e pela persuasão de modo a construir discursivamente as situações julgadas impróprias por ele – quadro mundial de miséria, composição e atitude da ONU etc – de maneira a desqualificá-las, numa tentativa de apresentar a necessidade de mudanças. Para tanto, o discurso foi encaminhado de maneira metafórica, sempre apresentando um tempo presente de guerra (olhar pejorativo) e um possível futuro de paz, caso fosse adotada a mudança proposta.

De maneira geral, é possível afirmar que a construção discursivo-metafórica da realidade consistiu em estratégia argumentativa, em que o presidente adaptou seu discurso ao auditório em questão, conforme seu propósito enunciativo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Clássicos da Linguística 1. Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. 3. ed. Paris-Genebra: KlincksieckGeorg, 1951.
- BLACK, M. Metaphor. In: BLACK, M. (Org.). *Models and metaphor*. New York: Cornell University Press, 1962.
- BOUSOÑO, C. *Teoría de la expresión poética*. 5. ed. Madri: Gredos, 1970.
- CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. London: Continuum, 2003.
- GIBBS, R. W. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, R. W.; STEEN, G. (Eds.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 145-166.

- KOCH, I. G. V. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2001, Fortaleza. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, Número especial, Fortaleza, p. 81-84, 2001.
- \_\_\_\_\_. Referenciação e orientação argumentativa. In. KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- \_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, São Paulo, v. 14, número especial, p. 169-190, 1998.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M.. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1992. [1980]
- \_\_\_\_\_. *Metaphors we live by*. In: POTTER, Jonathan (Org.). *Representing Reality: Discourse, Rhetoric and Social Construction*. London: Sage Publications Ltd., 2003. p. 124-132.
- MONDADA, L. Gestion du Topic e organization de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, p. 7-36, 2001.
- \_\_\_\_\_. Cognition et parole-en-interaction. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 9-27, 2002.
- \_\_\_\_\_. A Referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In. KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 11-31.
- \_\_\_\_\_. L'exploitation située de ressources langagières et multimodales dans la conception collective d'une exposition. In. LAURENT, F.; BRONCKART, J. P. (Orgs.). *L'Analyse des actions et des discours en situation de travail: concepts, methods et applications*. Louvain-la-Neuve: Peers, 2005b. p. 135-154.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In. CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Clássicos da Linguística 1. Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. A Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [1958]
- OLIVEIRA, F. de. O. Alianças e coalizões internacionais do governo Lula: o Ibas e o G-20. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, v. 48, n. 2, p. 55-69, 2005.
- RICOUER, P. *A metáfora viva*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. [1975]
- SARDINHA, T. B. Metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006 em uma perspectiva da Linguística de Corpus. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, São Paulo, v. 7, n. 2, p.139-164, 2007a.
- \_\_\_\_\_. Lula e a metáfora da conquista. *Linguagem em (Dis)curso*. São Paulo, v. 8, n.1, p. 93-120, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *A metáfora*. São Paulo: Parábola, 2008.
- ULLMANN, S. *Lenguaje y estilo*. Madri: Aguilar, 1973.

## ANEXO

Senhor Presidente,

Desejo congratular-me com Vossa Excelência pela iniciativa de convocar esta reunião, em um momento crucial para o futuro das Nações Unidas.

Intensificam-se os esforços para fortalecer a ONU e seus órgãos principais. Precisamos adequar o Conselho de Segurança às exigências políticas e econômicas de um mundo em profunda transformação.

Esta é a terceira reunião de Cúpula do Conselho em 60 anos de existência. Em 1992, os chefes de Governo dos países membros do Conselho se reuniram para celebrar o fim do confronto leste-oeste e os novos horizontes que se abriam para uma ação efetiva em favor da estabilidade internacional. Havia motivos para confiar no futuro da segurança coletiva.

Em 2000, o Encontro de Cúpula coincidiu com atos de brutal violência movidos pela intolerância racial e religiosa.

Buscava-se aprender as lições das guerras civis na ex-Iugoslávia e em Ruanda para recuperar a capacidade da Organização de conter abusos maciços aos direitos humanos.

Hoje, estamos confrontados a ameaças cada vez mais complexas. Os dois projetos de resolução sobre a mesa são uma tentativa de dar resposta a esses desafios.

Atos bárbaros de terrorismo continuam sendo perpetrados contra inocentes e indefesos. O combate a esse flagelo exige firmeza. Mas não o derrotaremos apenas pela repressão. Precisamos evitar que o terrorismo crie raízes em meio à desesperança. Temos de rejeitar o preconceito e a discriminação, sob qualquer disfarce ou pretexto.

No combate à violência irracional nossas melhores armas são a cultura do diálogo, a promoção do desenvolvimento e a defesa intransigente dos direitos humanos.

Senhor Presidente,

O Conselho deve continuar a dedicar também amplo espaço em sua pauta às questões africanas. Nos 14 países africanos que já visitei e nos numerosos contatos em Brasília com lideranças do Continente, pude comprovar o importante progresso institucional e econômico em curso na região.

A decidida vontade política de suas lideranças de superar os conflitos do presente e lidar com a herança de um passado de dependência tem sua melhor expressão na criação da União Africana. Esse exemplo merece ser acompanhado por todas as regiões que almejam integrar-se de forma soberana e pacífica na comunidade internacional. No Haiti, a América Latina quer demonstrar que as Nações Unidas não estão condenadas a simplesmente recolher os destroços dos conflitos que não puderam evitar.

A Missão de Estabilização das Nações Unidas está oferecendo um novo paradigma de resposta aos desafios da solução dos conflitos e da reconstrução nacional. Estamos contribuindo para a estabilização duradoura do país – sem truculências ou imposições.

Estamos estimulando o diálogo e apoiando a reconstrução institucional e econômica.

O estabelecimento de uma Comissão de Construção da Paz mostra que a comunidade internacional partilha essa mesma visão.

Uma melhor coordenação entre o Conselho de Segurança e o ECOSOC assegurará que situações como as do Haiti ou da Guiné-Bissau recebam tratamento adequado. São crises profundas de sociedades que buscam reencontrar o caminho do desenvolvimento. Nessas questões, a ação das Nações Unidas é insubstituível. É o caso do conflito no Oriente Médio, onde questões políticas sensíveis precisam ser equacionadas com credibilidade e transparência. Com esse espírito, o Brasil apóia os esforços do "quarteto" para implementar o Mapa para a Paz.

Senhor Presidente,

O projeto de reforma das Nações Unidas, hoje em discussão, é indissociável da atualização do Conselho de Segurança.

Sua agenda, cada vez mais ampla e ambiciosa, implica responsabilidades diversificadas, muitas vezes em áreas não previstas pela Carta. Não é admissível que o Conselho continue a operar com um claro déficit de transparência e representatividade.

A boa governança e os princípios democráticos, que valorizamos no plano interno, devem igualmente inspirar os métodos de decisão coletiva e o multilateralismo.

Temos diante de nós uma oportunidade histórica para ampliar a composição do Conselho de forma equitativa.

Para a maioria dos países membros da ONU, isto significa aumentar o número de membros permanentes e não-permanentes, com países em desenvolvimento de todas as regiões, nas duas categorias.

Senhor Presidente,

Estou convencido de que não haverá um mundo com paz e segurança enquanto 1 bilhão de pessoas forem oprimidas pela fome. Quero insistir que este mal é a mais devastadora arma de destruição em massa. A fome e a pobreza afetam a capacidade de trabalho, as condições de saúde, a dignidade e as esperanças. Desagregam famílias, desarticulam sociedades, enfraquecem a economia. Desatam um círculo vicioso de frustração e indignidade, que é terreno fértil para a violência, as crises e conflitos de toda ordem.

Reitero que o Brasil deseja que este Conselho continue a ser o foro multilateral por excelência para a promoção da paz e da segurança internacional, papel maior que lhe reserva a Carta das Nações Unidas.

O Brasil assume plenamente suas responsabilidades na promoção das reformas necessárias ao fortalecimento desta instituição, que deve estar no centro das complexas decisões que o momento histórico exige.

Muito obrigado.